

O ATO FINAL

“Rio de Janeiro, 12 de Agosto de 1867

À filha do senador Brabâncio,

Singela criatura que entregou-se inerte ao punhal de seu algoz; esposa fiel que, entre os últimos suspiros, lavou com o próprio sangue a culpa de seu senhor – o que restou do nosso amor servil? Vítima de sua própria inocência, presa fácil diante de tão nefasto estratagema – com que armas havíamos de lutar? Se o lenço outrora embebido de felicidade nupcial tornou-se, em mãos inimigas, objeto de tua ruína, o que dizer do fruto de meu próprio ventre? Ao ver este garoto crescer vistoso e saudável, maior é a sombra que envolve minha alma. Vivo sozinha este triste equívoco, sob o gosto amargo da indiferença. Como pude resistir tanto tempo? O que farias tu se pudesse antever a sina cruel que lhe reservava o presente do mouro apaixonado? Poderias evitar o pior? Clamaste em vão por mais um dia, meia-hora, uma última oração... mas a ira que formigava no peito do Capitão de Veneza, que palavras lograriam dissipar? Quem poderia derrubar as falácias astutas daquele outro Casmurro? Criado ingrato e invejoso que, na ânsia de destruir seu inimigo – pois assim ele o tinha em seu julgamento obscuro – não fez mais que lançar a si mesmo em um poço de imundície e mentiras sem igual. E você, honorável mouro, vencedor de batalhas grandiosas, viajante versado nas coisas do mundo – não fostes capaz de discernir a verdade? Não vistes que seu fiel escudeiro o apunhalava no escuro com a mais terrível das vinganças? O capitão altivo e cortês cedeu ao caluniador monstruoso, consagrando assim os propósitos vis de seu malfeitor. Por fim, que dor poderá superar a nossa, nobre senhora?

Teia - nº 3 - Agosto/2011 - Ficção/prosa.

Ainda ouço seus lamúrios nos cantos desta casa, pois que somos afinal senão cúmplices em um suplício de lágrimas sem fim? Vieste consolar-me em meus infortúnios; agora retribuo satisfeita este gesto sincero.

Para todo o sempre,

Capitolina Santiago”

O som do punho fechado de Bentinho contra a porta se intensificava. Entre uma batida e outra, chamava pela mulher como quem cumpre um custoso dever: Capitolina! Ezequiel dormia, não convinha acordá-lo. Ponderou um instante, também não podia ficar parado ali. Esperou o impulso que faltava e forçou entrada pela biblioteca. A porta relutou um pouco, como que a dissuadi-lo do intento, mas cedeu afinal. Fechou-se então na expressão de Bentinho um aspecto desolador: o encontro com o destino havia chegado. Não estava preparado, teve ímpeto de sair; mas era preciso enfrentá-lo. Procurou, hesitante, os olhos de ressaca que aprendera a amar e odiar como ninguém, mas não encontrou o fluido misterioso de outrora. Sentiu-se ao mesmo tempo liberto e condenado. Levantou o olhar ainda atônito: sobre a mesa, uma folha de papel destacada. Contra a mão trêmula e a luz bruxuleante, leu atentamente aquelas palavras e sentiu congelar-lhe a carne. Recuava aterrorizado quando parou de súbito – alguma coisa tocou seu pé direito. Teve um calafrio: percebeu a lacuna na última prateleira da estante à esquerda. Conhecia muito bem sua biblioteca. Apanhou o tomo e teve o segundo calafrio. “William Shakespeare: obra completa”. Estava aberto: “Ato V, cena II”. Lembrou-se do dia em que se refugiou no teatro para escapar à esposa infiel e ao filho bastardo. Poderia estar errado? Terceiro calafrio. Avançou algumas páginas perturbadamente e lia com a respiração ofegante. Sentia aproximar-se o ato final. O volume escapou de suas mãos – parecia não querer voltar à prateleira – e o ruído da queda ecoou pelas cantos sombrios da casa de Botafogo. Bentinho olhou

Teia - nº 3 - Agosto/2011 - Ficção/prosa.

espantado ao redor, como se alguém pudesse perscrutar seus pensamentos sinistros; tornou à porta e subiu ao seu aposento, afoito como quem foge de si mesmo.

Pedro Henrique Martins¹

¹ Graduando em letras pela FALE/UFMG